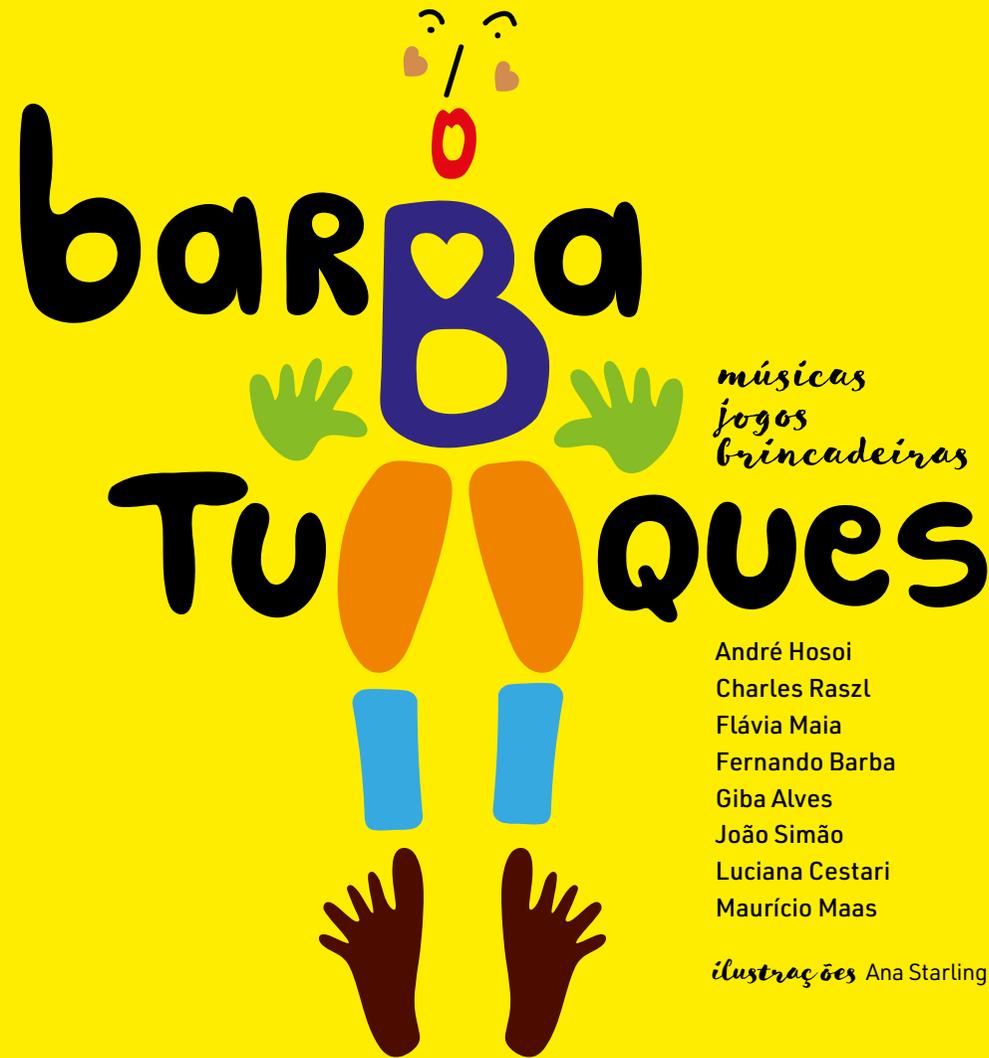


# Material de apoio pedagógico

texto de Lelê Ancona



músicas  
jogos  
brincadeiras

André Hosoi  
Charles Raszl  
Flávia Maia  
Fernando Barba  
Giba Alves  
João Simão  
Luciana Cestari  
Maurício Maas

ilustrações Ana Starling

---

# Sumário

---

*Jogos coletivos* ----- 5

*Lugar de escuta* ----- 6

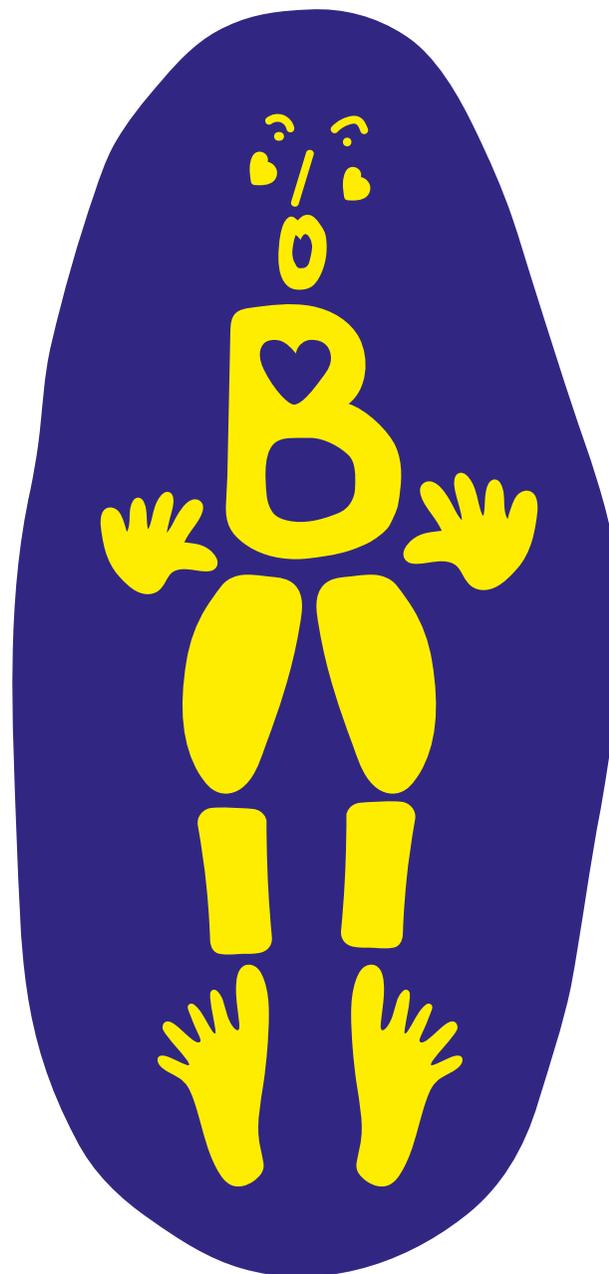
*Repertório* ----- 7

*Tempo* ----- 8

*Voz* ----- 9

*Desenho da música* ----- 11

*Criação* ----- 11



## Aos educadores

*Escuta! Tá ouvindo?  
É teu corpo querendo ecoar!*  
*Lelê Ancona*

Quais sons do seu corpo você costuma ouvir? As batidas do coração? A barriga quando ronca de fome? Sua respiração? Talvez você ouça estalos de ossos, um apito no ouvido de vez em quando, uma tosse ou um espirro.

Você ouve as músicas feitas pelo seu corpo?

O livro *Barbatuques – Músicas, jogos e brincadeiras* é um convite! Um convite para que você possa cantar e tocar com seu corpo e, como educador ou educadora, chamar sua turma para explorar novos jeitos de fazer música. É a oportunidade de descobertas, que você pode fazer individual e coletivamente. Como quase todas as descobertas, vai provocar transformações e, claro, as transformações não são feitas só de momentos fáceis; elas nos provocam, geram dúvidas, momentos de frustração, mas também de brilho nos olhos, de coração saltando e de alegria de ter conseguido.

Este livro é, mais que tudo, um convite para brincar, e brincar é necessário em todas as idades e momentos da vida, porque, brincando, não só fazemos descobertas, mas vivemos a leveza da risada, a parceria, o companheirismo de fazer junto, o aconchego quando não conseguimos. Brincar é tudo de bom, por isso brincamos desde que nascemos.

A valorização do brincar se evidencia quando a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) o elege como um dos direitos de aprendizagem e desenvolvimento na Educação Infantil, reconhecendo a importância de

brincar cotidianamente de diversas formas, em diferentes espaços e tempos, com diferentes parceiros (crianças e adultos), ampliando e diversificando seu acesso a produções culturais, seus conhecimentos, sua imaginação, sua criatividade, suas experiências emocionais, corporais, sensoriais, expressivas, cognitivas, sociais e relacionais.<sup>1</sup>

E é pensando nas crianças bem pequenas que o livro começa. O primeiro capítulo é dedicado à descoberta de sons possíveis com as várias partes do corpo e oferece também uma possibilidade de trabalhar a consciência corporal. Claro que qualquer pessoa pode fazer descobertas sobre seu corpo, mas as crianças pequeninas, que chegaram há pouco tempo ao mundo, estão descobrindo tudo, e o próprio corpo é parte importante dessa ação.

---

<sup>1</sup> BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018. p. 38.

Para que você aproveite este livro ao máximo, recomendo fazer a leitura junto com os vídeos. Embora as ilustrações nos mostrem lindamente e com clareza as partes do corpo que serão utilizadas, ver o Barbatuques tocando ajuda muito a compreender, porque podemos escutar o que está explicado nos textos e ver seus corpos tocando, e isso já nos ajuda a pensar nos nossos corpos e no olhar que podemos ter para os corpos das crianças e jovens com quem iremos trabalhar.

Os integrantes do Barbatuques dançam enquanto tocam. Não realizam apenas movimentos necessários para produzir um som, seus corpos se movimentam com liberdade para vibrar, para cantar, para musicar. E, se pretendemos que as crianças explorem, reconheçam e descubram seus sons corporais, devemos permitir essa mesma liberdade, precisamos saber que não haverá uma maneira correta e melhor para estar. A diversidade corporal é evidente nos diferentes integrantes do Barbatuques. Seus corpos tocam em movimento, mas cada um à sua maneira.



Essa liberdade vai ao encontro do campo de experiências “Corpo, gestos e movimentos”, definida pela BNCC da Educação Infantil. Ao apresentá-lo, o documento afirma:

Com o corpo (por meio dos sentidos, gestos, movimentos impulsivos ou intencionais, coordenados ou espontâneos), as crianças, desde cedo, exploram o mundo, o espaço e os objetos do seu entorno, estabelecem relações, expressam-se, brincam e produzem conhecimentos sobre si, sobre o outro, sobre o universo social e cultural, tornando-se, progressivamente, conscientes dessa corporeidade.<sup>2</sup>

A consciência corporal proveniente da descoberta das diferentes partes do corpo e dos sons que podem ser feitos com elas ganha novas variações quando percebemos os múltiplos formatos que a boca e a mão podem adquirir e que essa variedade irá provocar sons diversos, assim como a percepção das diferenças sonoras possíveis com a mesma parte do corpo. A relação entre a pele humana e a membrana de um tambor nos abre para a compreensão de que o grave e o agudo podem ser encontrados conforme o tipo de movimento ou a tensão do corpo. E ainda nos deparamos com variações de sons com os pés, a depender do calçado e do piso.

A consciência corporal está presente em cada um dos capítulos, com enfoques diferentes, com complexidades variadas, que poderão ser usufruídos por distintas faixas etárias, de acordo com a vivência de cada grupo. Identificar por onde começar faz parte do seu papel de educador e educadora. Afinal, se cada pessoa é uma, cada grupo também é um, com seus conhecimentos e capacidades.

2      Ibid., p. 40-41.



Um conceito que se relaciona com a consciência corporal sonora é o de *paisagem sonora*, desenvolvido por Murray Schafer. Compreender que vivemos dentro de uma paisagem sonora é dar ouvidos ao que nos rodeia. Na música *Tanto tom*, esse conceito nos fala sobre apreender o que está ao nosso redor, sobre a percepção e o reconhecimento dos sons que estão nos lugares por onde passamos. Ser consciente dessa paisagem é um ato de cidadania, já que, somente com essa escuta, poderemos identificar se estamos expostos à poluição sonora, se convivemos com a natureza e seus sons ou mesmo se estamos agindo de forma respeitosa com as pessoas e os seres que estão no nosso entorno.

## Jogos coletivos

Esse livro do Barbatuques contém jogos coletivos atraentes e instigantes. A presença do jogo na sociedade e nos espaços educativos é antiga e reconhecidamente valorizada. Ainda que, por bastante tempo, dentro das escolas, os jogos tenham ficado relegados ao aprendizado do esporte em aulas de educação física, já faz muito tempo que eles estão presentes em outros campos de conhecimento, como a matemática. No ensino de teatro, uma das principais linhas adotadas é a dos jogos teatrais, não apenas pelo seu caráter de explorar a improvisação, mas também pelo aprendizado por meio da ludicidade, do prazer.

O jogo nos oferece a possibilidade de aprendermos juntos. O jogo colaborativo, como são os aqui apresentados, nos mostra que, em

grupo, podemos realizar feitos impossíveis quando sozinhos. Esse argumento já seria o suficiente para incluirmos diversos jogos no aprendizado, mas eles também nos colocam em relação, em atenção ao outro, nos apresentam a possibilidade de descobrir o próprio modo de fazer observando como os outros fazem.

O jogo *corda imaginária*, da forma como é sugerido, permite que cada participante vivencie a energia do coletivo, encontrando formas de fazer aquilo que talvez não conseguisse realizar sozinho. Também estabelece uma relação direta com algo muito usual no fazer teatral: tornar presente um objeto imaginário.

Todos os jogos propostos pedem atenção de si e do outro. No *jogo da flecha*, é possível conhecer mais cada um dos participantes; olhamos para quem mandamos uma flecha e para quem nos remete. É um jogo que pode ser precedido de uma versão um pouco diferente, na qual eu mando a flecha falando o nome de quem irá recebê-la. Essa opção ajuda os mais desatentos a compreender a dinâmica do jogo e, em grupos que estão se conhecendo, permite que todos se reconheçam melhor.

O *jogo do contrário* oferece um certo desafio, ainda que não seja tão grande quanto o *trava-língua*. Ter um desafio é bastante mobilizador em quase todas as idades, porque pressupõe o prazer decorrente da conquista. No caso dos trava-línguas, temos um aprendizado duplo, já que, para além de conseguir falar rápido sons que se embaralham, há a sugestão de criarmos novos versos ou frases.

Essa sugestão é uma porta de entrada para a reflexão sobre o quanto a língua é viva e podemos brincar com ela, fazendo novas composições. Por meio dessa brincadeira, exploramos algo caro ao aprendizado da leitura/escrita: nos reconhecermos como autores, como pessoas que podem criar textos com diversas funções, incluindo a de brincar.

Dentro do campo de experiências “Escuta, fala, pensamento e imaginação” da BNCC, é reconhecida a importância de brincar e criar com a língua, o que pode se evidenciar no objetivo de aprendizagem e desenvolvimento EI03EF02, que ressalta o “inventar brincadeiras cantadas, poemas e canções, criando rimas, aliterações e ritmos”, atividades amplamente sugeridas no livro.

## *Lugar de escuta*

A atenção ao outro pode ser também evidenciada na necessidade de escuta, presente em todas as músicas, jogos e brincadeiras do Barbatuques. A importância da escuta é um tema sobre o qual muito se pode discorrer, já que escutar, para além de ouvir um som, tem simbolicamente o sentido de colocar a atenção no outro, ato que só é possível quando não fico ensimesmada, quando silêncio meus pensamentos e consigo me dar conta do que está fora de mim.

Em uma sociedade que vive a poluição de informações permanentemente, com a infância já saturada de estímulos desde o nascimento, o exercício da escuta não é fácil. O Barbatuques pede diferentes camadas de escuta para a realização desses exercícios.

O primeiro deles é a escuta do próprio corpo, que ocorre na exploração dos sons corporais. Depois, temos a escuta das diferentes qualidades sonoras, dos ritmos que variam, da alteração entre o grave e o agudo, das melodias, das palavras e dos sons vocais e, sempre, do outro. Sem a escuta do outro, tudo embola.

São composições coletivas, não existe artista principal, não há hierarquia de palco ou de som; é todo mundo precisando se escutar para conseguir tocar junto, sem perder a respiração, sem errar o pé ou a mão que vai bater. É uma poética da atenção, uma proposição não apenas para executar uma música, mas uma maneira de estar no mundo, de se relacionar, de criar junto.

Vale a pena ressaltar que essa postura não vem do além, não é algo com que nascemos ou não. São estratégias que vamos criando, e esse livro nos mostra várias delas. Um bom exemplo é quando, a cada começo de música mostrada nos vídeos, um dos integrantes conta até quatro para que todos comecem juntos. Nas artes coletivas, precisamos de sinais, precisamos do silêncio que antecede o que vamos ouvir. Vemos isso no cinema, quando as luzes se apagam antes de o filme começar; no teatro, com os três sinais que nos preparam para a peça; e, na música, quando contam até quatro para que todos entrem juntos.



## Repertório

Como criamos uma música? O que nos inspira?

O livro está estruturado por capítulos e cada um deles apresenta uma música, que é trabalhada com outras propostas que se relacionam. Como apresentação da música, seu autor nos conta sobre sua inspiração, o que motivou a composição. Esses pequenos trechos são preciosidades para as pessoas que não costumam compor, porque a criação tem certa aura de mistério e esse mistério não vem do nada.

Durante bastante tempo na história da arte e ainda hoje, para muitos, a criatividade foi vista como um dom, uma aptidão, uma graça ou uma habilidade inata. Nos últimos cinquenta anos, vemos essa crença ser questionada e a sociedade passar a reconhecer a importância da vivência de experiências musicais para que qualquer pessoa desenvolva a capacidade inventiva.

Uma das vivências fundamentais é o acesso à escuta de músicas e ao conhecimento de diferentes gêneros, assim como de diferentes qualidades sonoras. Observamos essa importância na BNCC, na definição do campo de experiências “Traços, sons, cores e formas”, em que se ressalta que

conviver com diferentes manifestações artísticas, culturais e científicas, locais e universais, no cotidiano da instituição escolar, possibilita às crianças, por meio de experiências diversificadas, vivenciar diversas formas de expressão e linguagens, como as artes visuais (pintura,

modelagem, colagem, fotografia etc.), a música, o teatro, a dança e o audiovisual, entre outras.<sup>3</sup>

Tal campo de experiências se relaciona com a fruição, uma das dimensões do conhecimento em arte estabelecida também para o Ensino Fundamental, em continuidade às experiências vividas na Educação Infantil, e definida como algo que

refere-se ao deleite, ao prazer, ao estranhamento e à abertura para se sensibilizar durante a participação em práticas artísticas e culturais. Essa dimensão implica disponibilidade dos sujeitos para a relação continuada com produções artísticas e culturais oriundas das mais diversas épocas, lugares e grupos sociais.<sup>4</sup>

Assim, do cancionário infantil, são três as músicas trabalhadas: *O sapo não lava o pé*, *Borboletinha* e *Marcha, soldado*. Também entramos em contato com vários gêneros e ritmos: *reggae*, baião, samba, *pop*, *rock 'n' roll* e congo de ouro.

O trabalho com esse repertório nos oferece a possibilidade da escuta de diferentes referências musicais, mas é fundamental que as crianças conheçam cada um dos ritmos antes de trabalhar a música sugerida. As músicas do cancionário infantil são bastante familiares e, de forma recorrente, cantadas nas escolas de Educação Infantil; porém, nem todas as crianças já ouviram um *reggae* ou um baião. Muitas vezes, até já ouviram, mas não sabem reconhecer.

---

3 Ibid., p. 41.

4 Ibid., p. 195.

A possibilidade de explorar o *reggae* pela música *Só mais um pouquinho* ou de reconhecer a diferença entre tocar *O sapo não lava o pé* como baião e como samba será amplamente enriquecida pela escuta prévia de outras músicas desses gêneros. Apresentar um artista como Gilberto Gil, tão importante para a música brasileira e inspiração para a música *Brincantes*, é oferecer para as crianças um novo universo, do qual eles podem já ter visto algumas estrelas ou ter bisbilhotado pelas frestas, mas onde será um enorme prazer mergulhar.

E, por falar em universo, o trabalho com o ritmo congo de ouro, na música *Que som?*, nos oferece a perspectiva de adentrar em parte de nossa ancestralidade como povo brasileiro e conhecer um pouco da matriz africana tão presente nas nossas músicas. Não deixe de ver o finalzinho do vídeo dessa música, na qual podemos reconhecer as relações entre os ritmos afro-brasileiros e o funk.

Além do contato com os ritmos, também é fundamental garantir que as crianças conheçam os instrumentos. A música *RepetiSom* é um prato cheio para imitar os sons dos instrumentos com a voz. É diversão pura, mas só para quem conhece o som de cada um dos instrumentos; do contrário, pode significar um desafio grande demais, porque... como imitar algo que você nunca ouviu? Daí a relevância de mostrar os instrumentos, proporcionar momentos de escuta de seus sons. Claro, se você está trabalhando com um grupo que já conhece todos os instrumentos, essa escuta pode ser desnecessária.



Vale a pena observar que, antes da *RepetiSom*, a música *Tanto tom* já trabalha com a imitação de sons, mas aqueles do entorno, aqueles que todas as crianças conhecem e ouvem diariamente, tendo, assim, uma intimidade muito maior com eles. Faz sentido seguir a ordem do livro, ou seja, imitar os sons mais próximos do nosso cotidiano para depois explorar os sons dos instrumentos.

E, voltando para a inspiração, depois de ouvir todo esse repertório, você não fica com vontade de criar também? É bom saber que criar não depende de nascer com um dom, mas de se inundar de referências.

## Tempo

A palavra "tempo" tem diferentes significados na nossa língua, mas, nesse livro, ela diz respeito ao ritmo das músicas. Um dos conceitos presentes em quase todas as brincadeiras e jogos é o de *pulsação*. A pulsação com que mais convivemos é a dos nossos batimentos cardíacos, que nem sempre sentimos ou ouvimos, mas constitui uma referência importante para a compreensão dessa ideia.

O sentido de pulsação fica muito claro na música *Só mais um pouquinho*, com a coordenação do movimento dos pés com o tempo da música. Em *Que som?*, a pulsação também é apreendida pela marcação do compasso da corda sendo batida no chão. Em *Só mais um pouquinho*, podemos conhecer o tempo e o contratempo, que exigem uma compreensão maior do som e do silêncio, da percepção rítmica.

A percepção do silêncio também está presente na improvisação sugerida na música *Tanto tom*, em que cada participante é chamado a captar o momento em que o seu som pode entrar, distinguindo os silêncios sutis.

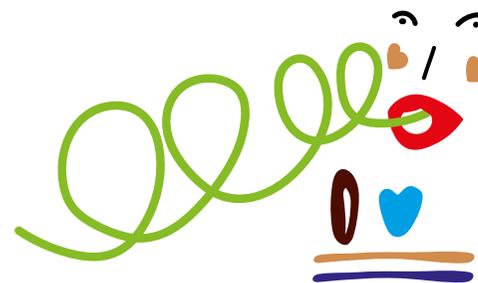
Nas diferentes propostas, observamos as relações entre o ritmo e o movimento corporal, as quais vão se aprofundando através da exploração tanto do tempo quanto do contratempo, como no *jogo da flecha* retomado na música *Só mais um pouquinho*, dessa vez com os movimentos de palma e pés ou com o uso de diferentes partes do corpo, que vão sendo trabalhadas nos ritmos e nas qualidades sonoras.

A execução dos diferentes movimentos na música *Tum pá* nos oferece a possibilidade de realizar gestos conforme o que estamos cantando. A letra da canção nos mostra o caminho do movimento, e essa iniciação é uma forma muito gentil de propor; afinal, temos tudo sendo oferecido ao mesmo tempo. E assim vamos incluindo sinais e sons vocais para tocar essa música.

A percepção do ritmo soma-se à exploração do domínio corporal, na coordenação de movimentos das diferentes partes do corpo, seja na brincadeira com a música *Que som?*, seja na velocidade, quando ela é tocada no ritmo do congo de ouro.

Essa mesma diversidade de movimentos e sons é explorada em *Hit percussivo*, permitindo uma atividade com muitos sons. Os elementos constitutivos da música são percebidos e explorados de maneira divertida, propiciando o reconhecimento das “qualidades do som (intensidade, duração, altura e timbre), utilizando-as em

suas produções sonoras e ao ouvir músicas e sons”, como sugere o objetivo de aprendizagem e desenvolvimento EI03TS03 da BNCC.



## Voz

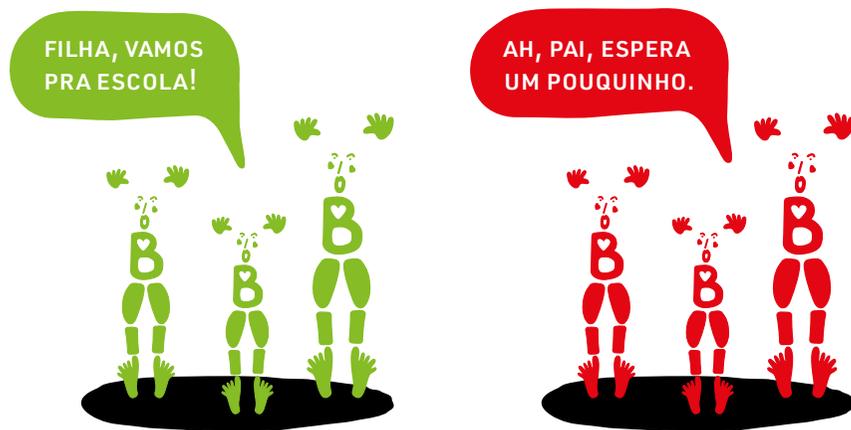
Se até agora falamos muito sobre a sonoridade corporal, não é porque a voz seja pouco importante neste trabalho. Ela é abordada de diferentes maneiras, o que enseja muitas descobertas; afinal, o Barbatuques faz música com tudo o que somos, de forma integrada: voz, corpo, movimento, entorno, grupo!

Começo falando das onomatopeias, porque imitar os sons, seja do nosso entorno, seja de instrumentos, é algo que nos aproxima do mundo. As crianças se divertem sempre com as imitações, com um gosto especial pelas de animais, mas também de carro, buzina, máquinas diversas ou objetos da cozinha. Uma onomatopeia, bem colocada em um texto, tem poder de síntese e faz com que tenhamos a sensação do espaço, da ação ou de um acontecimento, substituindo frases enormes que, por vezes, podem até parecer insuficientes.

Mas a onomatopeia não tem somente uma função comunicativa, ela permite o estudo das inúmeras qualidades sonoras, da diversidade do que conseguimos fazer com a voz.

São várias as ideias nas quais a voz fará imitações. Em *O sapo não lava o pé*, propõe-se imitar chocalhos; em *Hit percussivo*, imitar vários instrumentos. Mas é na música *Brincantes* que o trabalho com a voz é mais enfatizado. Além do canto com o acompanhamento do violão, são sugeridas brincadeiras com a voz e a criação de histórias com onomatopeias.

Em todas as músicas, também é possível observar o timbre de cada integrante do Barbatuques, suas diferentes vozes. Cada pessoa tem um timbre próprio, assim como uma digital única, e identificar as características do próprio timbre é essencial para fazer um bom uso da voz. Conhecer o próprio timbre não significa que não possamos brincar ou mexer com ele. Professores e professoras sabem da importância dos exercícios que ampliam a nossa extensão vocal, prática necessária para quem trabalha com a voz, mas, no livro, podemos explorar a expressividade de nossa voz.



Uma proposta perceptiva que pode preceder as brincadeiras sugeridas é o reconhecimento da mudança da voz em diferentes situações e diferentes emoções. A voz fica mais grave ou mais aguda se falamos baixo ou gritamos, e também se altera se estamos nervosos ou com medo. Nossa voz tem expressão, assim como nosso rosto ou nosso corpo. Na música *Só mais um pouquinho*, podemos ver as muitas expressões faciais e corporais que acompanham os tons de voz. No vídeo da música *RepetiSom*, podemos notar como o conhecimento do próprio timbre faz com que cada artista escolha qual instrumento irá imitar.

Outro conceito tratado no livro é o de *naipe*. Os naipes musicais são agrupamentos de instrumentos que possuem características sonoras e funcionais semelhantes. Se pensamos em uma orquestra, os naipes são, geralmente, organizados por cordas, madeiras, metais e percussão. Essa organização permite que um grupo de instrumentos com sonoridade semelhante toque em um determinado momento, provocando uma sonoridade característica desse grupo.

Nas músicas *Só mais um pouquinho* e *Hit percussivo*, os músicos são divididos em dois naipes, o que gera a percepção de um conjunto dentro de um grupo, tornando possível fazer distintas combinações, com entradas em pontos diferentes e papéis variados. Esse exercício irá permitir também que as músicas *Borboletinha* e *Marcha, soldado* sejam cantadas concomitantemente, já que ambas possuem a mesma sequência melódica.

## Desenho da música

Como registrar graficamente uma música? A escrita das músicas, segundo José Fornari<sup>5</sup>, surgiu juntamente com a escrita textual, o que demonstra a importância de podermos executar uma música composta há muito tempo. Essa necessidade fez com que fossem criados códigos e sistemas de escrita musical, alguns deles bastante complexos. Conhecer essas formas de registro é algo valorizado pela BNCC, o que pode ser reconhecido por incluir, entre os objetos de conhecimento, a notação e o registro musical.

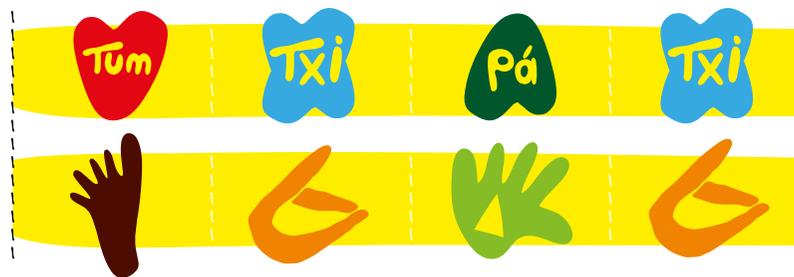
No livro *Barbatuques*, podemos observar um registro não convencional, que vai mudando de complexidade. Em *Hit percussivo*, há um registro com muitos sons e tipos de movimento e a divisão da música em quatro partes: introdução, parte A, parte B e coda.

Essa notação facilita a compreensão de que uma música pode ser composta por diferentes partes, que poderão se repetir ou não. O refrão é uma parte que se repete, mas não a única, já que, por vezes, temos um período longo da música tocado duas vezes, entrecortado pelo refrão.

E coda, como explica o *Barbatuques*, “é uma seção que aparece no final de uma composição, geralmente após a repetição do refrão

5 José Fornari. “Escrita textual e musical.” Blogs de Ciência da Universidade Estadual de Campinas. ISSN 2526-6187. Data da publicação: 14 de agosto de 2019. Link: <<https://www.blogs.unicamp.br/musicologia/2019/08/14/29/>>.

ou da última estrofe. Ela serve para dar um fechamento à música, trazendo uma conclusão e encerrando a peça de forma adequada”.



## Criação

Por falar em fechamento, concluo este texto falando sobre um conceito muito caro à arte em geral, à música e ao ensino de música. No texto de boas-vindas ao livro, ficamos sabendo um pouco do percurso do *Barbatuques*, que, além de um grupo musical que compõe, se apresenta e grava músicas, se tornou um grupo que pensa a educação, dialoga com professores, alimenta práticas docentes.

Há o desejo de que os educadores realizem com a sua turma as atividades realizadas pelo *Barbatuques*, levando os jogos e brincadeiras ou executando as músicas do grupo, mas também de que possam criar a partir das práticas aqui explicitadas, inventando modos próprios de brincar com os sons e o corpo.

Em *Tum pá*, no *jogo da flecha*, são propostas variações, que você poderá decidir como fazer. Em *Tanto tom*, criar uma sequência so-

nora. Em vários momentos, é sugerido que você explore a altura dos sons tocados, experimentando a mesma ação de forma grave ou aguda, assim como ao tocar *O sapo não lava o pé*. Em *Brincantes*, a criação será com onomatopeias e histórias e, em *Tampa o tempo tum pá*, entram em jogo as palavras, com a composição de trava-línguas. Já em *RepetiSom* e em *Hit percussivo*, é possível inventar sons, de acordo com os dos instrumentos escolhidos para imitar.

Claro que, para além dos exemplos dados aqui, todas as atividades possibilitam variações, descobertas de sons do próprio corpo e dos criados pelo grupo. Outro aspecto importante a ser ressaltado é que a interpretação de uma música constitui também uma forma de criação; do contrário, estaríamos afirmando que cantoras e cantores que não compõem não estão criando. O mesmo diríamos dos musicistas que interpretam uma composição alheia. São muitas as maneiras de criar, e o Barbatuques nos abre muitos caminhos.

A importância dada à criação deve-se a diversos motivos e eu ressalto um deles: a compreensão de que o mundo não está dado, de que não nos compete apenas repetir, mas de que também é nosso papel transformá-lo, nos transformando. Será que existe algo mais importante para pessoas no início da vida do que saber do tanto que se pode fazer? Do tanto que há para viver?

Psui! Escutou? É teu corpo te chamando para criar. Vamos lá barbatucar?



**Lelê Ancona** é diretora do projeto Circulararte Educação ([www.circulararte.com.br](http://www.circulararte.com.br)), formadora no Instituto Avisa Lá e professora há trinta anos. Doutora em educação pela PUC-SP, mestre e especialista em teatro pela ECA-USP e graduada em artes visuais pela Faculdade Santa Marcelina. Desenvolveu pesquisa de pós-doutorado na Unicamp com bolsa Fapesp, investigando a imagem docente no diálogo com o fazer teatral e a escrita espetacular.